

DESCALVADOS: UMA FÁBRICA NA FRONTEIRA OESTE DO BRASIL (1881-1890)

Domingos Savio da Cunha Garcia (Doutorando em História Econômica na UNICAMP/Professor na Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* de Cáceres).

1-Estudada de forma parcial e fragmentada, sem uma análise de conjunto sobre os diferentes períodos por que atravessou e desconhecida na historiografia brasileira em geral, a história de Descalvados esconde questões ainda pouco claras sobre a presença estrangeira no Brasil entre o final do Império e o começo da República. Os poucos e importantes trabalhos feitos sobre Descalvados estão ligados ao esforço de pesquisadores internacionais, particularmente a Eddy Stols, no sentido de descortinar os objetivos da presença belga no oeste brasileiro no período tratado.¹ Não há nenhum estudo específico sobre Descalvados, antes ou depois do período em que o "domínio", como era chamado, pertenceu aos belgas. Não há ainda uma história de Descalvados enfim.

Em que pese o fato de que continuamos a pesquisar sobre o assunto, principalmente nos arquivos de Mato Grosso, este trabalho é uma esforço no sentido de começar um estudo da história de Descalvados, desde o seu aparecimento, ainda no Império, até o começo dos anos trinta do século XX, quando foi dividida em várias fazendas para criação de gado. É uma tentativa de reconstruir a história econômica de Descalvados, um empreendimento agro-industrial de grande porte para a época, com características peculiares, por sua localização, pelas técnicas de produção adotadas e pelos produtos ali fabricados, destinados ao mercado internacional. Um empreendimento que tendo começado com uma produção rudimentar de charque, ganhou importância com sua compra por estrangeiros, que transformaram uma simples charqueada em uma fábrica.

2-Descalvados foi parte integrante da fazenda Jacobina, uma grande propriedade agropastoril que desde o período colonial era considerada a maior e mais rica fazenda de Mato Grosso. Seu proprietário, João Pereira Leite, dizia possuir tantas terras quanto o rei de Portugal. As terras da fazenda Jacobina se prolongavam desde a região próximo a Vila Maria, de cuja fundação participou João Pereira Leite, até a fronteira com a Bolívia, cruzando o rio Paraguai de leste a oeste. Além da Jacobina, João Pereira Leite possuía ainda dezoito sesmarias, a maioria inculta ou pouco ocupada.² Aqui temos uma excelente demonstração de como o regime de sesmaria foi completamente deformado no Brasil no período colonial, com as concessões variando de tamanho de região para região. Além disso os sesmeiros apossavam de terras em quantidade muito maior do que aquelas de que realmente constava no título de sesmaria.³

João Pereira Leite morreu em 1833 mas as terras de que tomava posse continuaram sob o controle de sua família, agora na figura de sua esposa, Maria Josepha Pereira Leite, e de seus dez filhos, principalmente do segundo, João Carlos Pereira Leite. Este, recebendo a patente de major, vai se constituir no verdadeiro chefe da família e de suas propriedades.

O major João Carlos Pereira Leite vai progressivamente desenvolver a criação de gado na região do Pantanal de Mato Grosso, na parte sul da fazenda Jacobina, ocupando as áreas de

¹ STOLS, Eddy. *O Brasil se defende da Europa: suas relações com a Bélgica (1830-1914)*. In Boletim de Estudios Latinoamericanos y del Caribe. Amsterdam, n. 18, p. 57-73, jun. 1975. _____. *Les Belges au Mato Grosso et en Amazonie ou la récédive de l'aventure congolaise (1895-1910)*. In DUMOLIN, Michel; STOLS, Eddy (Dir.). *La Belgique et l'étranger aux XIXe et XXe siècles*. UNIVERSITÉ DE LOUVAIN: Recueil de travaux d'histoire et de philologie. Louvain-la-Neuve: Collège Érasme; Bruxelles: Éditions Neuwelaerts. 6^a Série, Fascicule 33, p. 77-112. 1987. _____. *Présences belges et luxembourgeoises dans la modernisation et l'industrialisation du Brésil (1830-1940)*. In DE PRINS, Bart; STOLS, Eddy; VERBERCKMOES, Johan (Eds.). *BRASIL: Cultures and Economies of Four Continents; Cultures et Economies de Quatre Continents*. Leuven: Acco, 2001, p. 121-167. STERNBERG, Hilgard O'Reilly. *Tentativas expansionistas belgas no Brasil: o caso "Descalvados"*. In. REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. 1983. Cuiabá: Tomo CXIX-CXX, ano LV, p. 45-56, 1983.

² FLORENCE, Hercules. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas, de 1825 a 1829*. Trad. Visconde de Taunay. São Paulo: Cultrix; Ed. da Universidade de São Paulo, 1977, p. 182.

³ Sobre a questão ver OSÓRIO, Lígia. *Terras devolutas e latifúndio. Efeitos da lei de 1850*. Campinas: Ed. da UNICAMP, p. 37-56.

sua propriedade formada por campos, utilizadas para a criação de gado. Uma dessas áreas estava situada à margem direita do rio Paraguai, numa região onde as cheias e subsequente vazantes do rio Paraguai, no Pantanal, permite a criação de gado em regime extensivo, facilitado pela abundância de pastagens naturais e pela presença de salinas.

3-Para termos uma localização mais exata de Descalvados, esta se localizava na fronteira do Brasil com a Bolívia, na então província de Mato Grosso (atual estado de Mato Grosso). O formato da área que se constituiu Descalvados se aproximava de uma península, tendo à leste o rio Paraguai (margem direita deste) e à oeste o Grande Corixo (margem esquerda), este fazendo o papel de fronteira física com a Bolívia e indo desaguar no rio Paraguai ao sul de Descalvados. Ao norte, Descalvados era limitado pelo rio Jaurú e pela fazenda nacional da Caiçara. A área total de Descalvados se aproximava de um milhão de hectares, em território contínuo. Como se pode perceber, a dimensão da fazenda da Jacobina era imensa, já que apenas uma de suas partes tinha cerca de um milhão de hectares.

O desenvolvimento do rebanho de gado bovino na região de Descalvados levou João Carlos Pereira Leite a construir naquele estabelecimento instalações para a o manejo do gado e casas para trabalhadores. No desenvolvimento de sua criação de gado, os fazendeiros do Pantanal se debateram durante décadas com uma epidemia que atacava o rebanho cavalar da região, obrigando esses fazendeiros a constantes investimentos na compra de cavalos. Essa era uma questão fundamental para a criação de gado porque sem cavalos em número suficiente o gado poderia se tornar bravio, dificultando a sua captura para o abate ou para venda. Para amenizar o problema, João Carlos Pereira Leite abastecia suas propriedades com cavalos que comprava no Paraguai.

4-Mato Grosso foi durante todo o Império brasileiro uma província secundária no plano político e econômico. Sua importância era basicamente estratégica, advinda de sua localização geográfica: era uma província insular, de difícil acesso, estava situada na fronteira e sofria forte influência da região platina, onde o Brasil imperial mantinha constantes disputas relacionadas à geopolítica daquela região.

Um dos fatores que mais preocuparam o governo imperial foi a questão do acesso à província de Mato Grosso. Até 1858, quando o rio Paraguai foi franqueado à navegação, após acordo com a Argentina e o Paraguai, o acesso à província de Mato Grosso era realizado por terra, através do interior do Brasil. Uma viagem entre a corte do Rio de Janeiro e Cuiabá, capital da província, durava quatro meses em média. Com a abertura da navegação o tempo da viagem passou a ser de pouco mais de um mês.

No entanto, se reduziu o tempo de viagem entre o Rio de Janeiro e Mato Grosso, o novo trajeto passou a ser efetuado por rios controlados por países com os quais o Brasil tinha pendências geopolíticas. Além disso, com a abertura da navegação boa parte da atividade comercial de Mato Grosso passou a se dar sob a esfera de influência dos países do Prata, liderados principalmente por Buenos Aires.

A abertura da navegação abriu a débil economia de Mato Grosso aos circuitos do capital mercantil, então em franca expansão em escala internacional. Essa abertura da navegação do rio Paraguai vai desenvolver um próspero setor mercantil na província, vinculado ao comércio de importação e exportação. A antiga vila de Albuquerque, onde estava localizada uma mesa de rendas para arrecadação de impostos, é parcialmente abandonada e parte de seus habitantes se transferem para um lugar onde já existia uma antiga povoação, mais salubre e melhor posicionada do ponto de vista de defesa. Essa nova vila de Albuquerque, construída segundo um plano do governo imperial, rapidamente adota o nome de Corumbá e passa a se constituir em referência para o capital mercantil de Mato Grosso, se transformando em uma espécie de entreposto comercial da província. Essa posição foi estimulada pela concentração de forças militares ali estacionadas a partir da abertura da navegação. Essa concentração militar acabava

por injetar na economia regional um volume de dinheiro importante para uma economia com um setor produtivo ainda bastante frágil, com forte presença de setores extrativistas.⁴

O desenvolvimento do capital mercantil em Mato Grosso se dá sob forte influência da região do Prata. A jovem vila de Corumbá passa a receber embarcações oriundas de Buenos Aires, de Montevidéu, de Assunção e de outras regiões da Argentina, além daquelas oriundas do Rio de Janeiro e de outras regiões do Brasil. O comércio de Corumbá é basicamente controlado por estrangeiros.⁵

A atividade produtiva de Mato Grosso em meados do século XIX é formada por atividades extrativas, pela agricultura e pela pecuária.⁶

O extrativismo tem na extração da poaia a sua principal atividade. Planta medicinal com boa aceitação na Europa, a poaia era extraída basicamente na região de Vila Maria, na bacia do alto rio Paraguai. Venda de peles de animais e de penas de aves, exportadas em grande quantidade para a Europa, constituíam o restante do extrativismo da província.

A agricultura de Mato Grosso era frágil, com uma produção de alimentos que mal dava para atender as necessidades de abastecimento da província. A fome era uma ameaça constante, principalmente após a abertura da navegação do rio Paraguai, quando a população começou a aumentar.

A pecuária começava um movimento ascendente na economia provincial, principalmente com a ocupação da região do Pantanal, rica em pastagens naturais, com boa salubridade para os rebanhos bovinos e pequeno investimento na manutenção desses rebanhos, que basicamente necessitavam ser trabalhados com regularidade para não se tornarem bravios. O desenvolvimento da pecuária vai se dar de forma lenta no período que antecede à Guerra do Paraguai, mas de forma constante.

A Guerra do Paraguai abre um hiato na atividade econômica da província. Tropas paraguaias entram em Mato Grosso em dezembro de 1864; Corumbá é invadida e a grande maioria de sua população foge. Alguns comerciantes que ficam na cidade são presos e executados; outros são levados para Assunção. O comércio sofre forte queda com a suspensão da navegação e a retomada da ligação com a corte do Rio de Janeiro pelos antigos caminhos pelo interior do Brasil.

A produção se desorganiza. Na região sul da província, onde a pecuária começava a ganhar força, as fazendas são invadidas, depredadas e o gado é levado para o abastecimento das tropas paraguaias; na região norte, com maior incidência da agricultura, a produção decai pela redução de mão-de-obra, desviada para servir nas forças militares que lutavam na guerra.

A província de Mato Grosso é duramente atingida pela guerra. Sua população sofre com a desorganização da produção, com a falta de alimentos, com as doenças, com o isolamento e com a ameaça constante de ataque dos paraguaios. Os efeitos da guerra sobre a população perdurarão ainda por muitos anos após o seu final.

Terminada a Guerra do Paraguai a economia de Mato Grosso retoma a sua atividade impulsionada por novos produtos mas ainda sob o domínio do capital mercantil. Corumbá retoma a sua condição de entreposto comercial da província e se desenvolve rapidamente. A pecuária também retoma o seu desenvolvimento e o rebanho bovino da província se multiplica. Somente a agricultura se mantém estagnada, com baixa produção.

O capital mercantil, que antes da guerra havia iniciado uma forte presença em Mato Grosso, após o final do conflito se espalha por outras regiões da província. Além de Corumbá, casas comerciais são abertas em Cuiabá, em São Luiz de Cáceres (antiga Vila Maria), em Miranda e Aquidauana. Essas casas comerciais em sua maioria são de propriedade de imigrantes, que foram atraídos pelo comércio de fornecimento para tropas durante a guerra e que

⁴ GARCIA, Domingos S. C.. *Mato Grosso (1850-1889): Uma província na fronteira do Império*. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas. 2001. P. 42-43.

⁵ CORRÊA, Lúcia S.. *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, São Paulo. 1980. P. 62 e 99.

⁶ GARCIA, Domingos S. C.. Op. cit., p. 31-43.

permaneceram na região quando as hostilidades terminaram. Italianos, libaneses, portugueses, espanhóis, além de argentinos e uruguaios, eram as nacionalidades mais notadas.⁷

Com os imigrantes, muitos dos quais se enriqueceram rapidamente e criaram vínculos sociais e familiares na província, vieram novos valores, de conteúdo capitalista, de busca crescente de lucros, de aumento de produtividade, com a introdução de novas técnicas produtivas e de organização da produção. Ao mesmo tempo em que mantinham suas atividades econômicas principais baseadas no comércio, procuravam diversificar seus investimentos, comprando terras e fundando fazendas, construindo usinas de açúcar ou mesmo investindo no fornecimento de serviços para a população urbana, ávida por mais conforto como água encanada ou transportes urbanos.

Esses imigrantes que vieram para Mato Grosso no período imediatamente após a Guerra do Paraguai provavelmente possuíam um pequeno capital, acumulado durante a guerra. As condições da província, devastada economicamente, deve ter aberto boas possibilidades para acumulação de capital que, reinvestido, permitiu aos seus proprietários um enriquecimento rápido, particularmente naqueles setores ligados ao comércio de exportação e importação.

5-A charqueada de Descalvados foi fundada por Rafael Del Sar, um imigrante argentino que tinha vindo para Mato Grosso após o final da guerra do Paraguai e procurava realizar investimentos em serviços urbanos e em atividades mineradoras, além da pecuária.⁸

A compra da sesmária de Descalvados por Rafael Del Sar é expressão do prolongamento da influencia platina sobre a província de Mato Grosso, na medida que essa atividade, a saladeria e a charqueada, é uma atividade econômica que, naquele período, já tinha um maior desenvolvimento no Prata. Os imigrantes vindos daquela região procuravam moldar setores da economia de Mato Grosso de forma a adapta-los às características da economia platina por eles conhecida e em grande expansão naquele período.⁹

O crescimento do rebanho bovino, alimentado pelas excelentes pastagens naturais da região, junto com a fundação da charqueada, marca o início da fase em que Descalvados se encontrará com o desenvolvimento do capitalismo industrial, que irá tornar os produtos daquele estabelecimento conhecidos no exterior e fará de sua fábrica um empreendimento singular no Brasil do período. A fábrica de Descalvados se tornará o mais importante estabelecimento industrial de Mato Grosso.

Rafael Del Sar mantém com a família Pereira Leite uma relação comercial simbiótica. De um lado mantém a charqueada de Descalvados; de outro os Pereira Leite fornecem à charqueada o gado necessário ao seu abastecimento.¹⁰ Essa relação comercial aparentemente beneficiava a ambos. Rafael Del Sar conhecia as técnicas mais modernas de abate e os meandros do comércio de charque enquanto a família Pereira Leite possuía um grande rebanho bovino que encontrava mercado ali mesmo em Descalvados.

Apesar da Charqueada de Descalvados beneficiar a ambos os lados do negócio, constituía um empreendimento pequeno, cujo alcance não deveria ultrapassar os limites da província.

Entre 1880 e 1881, dois acontecimentos mudam a história de Descalvados. Em novembro de 1880 morre o major João Carlos, o chefe da família Pereira Leite. Abre-se um período em que os bens do major João Carlos são inventariados para serem divididos entre seus herdeiros legais. Entre esses bens estavam terras, constituídas por várias sesmarias, localizadas na região onde também se localizava Descalvados. Além da terra havia o gado.

⁷ Sobre o fornecimento e os fornecedores para as tropas durante a Guerra do Paraguai ver: FIGUEIRA, Divalte G. *Soldados e negociantes na Guerra do Paraguai*. São Paulo: Humanitas - FFLCH-USP: FAPESP, 2001.

⁸ RELATÓRIO apresentado à Assembléia Legislativa da Província de Mato Grosso, pelo Exmo. Sr. Tenente Coronel Francisco José Cardoso Junior, no dia 20 de agosto de 1871. Cuiabá: Typ. de Sousa Neves e Cia., s/d., p. 56.

⁹ CONDE, Roberto Cortes; GALLO, Ezequiel. Op. cit. p. 33-57.

¹⁰ CORRÊA FILHO, Virgílio. *Fazendas de gado no Pantanal mato-grossense*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1955, Documentário da Vida Rural - n. 10, p. 34.

Nesse momento aparece um personagem que irá mudar a história de Descalvados. Rafael Del Sar, que era o proprietário da charqueada de Descalvados, negocia a sua venda ao cidadão uruguaio Jaime Cibils Buxaréu. Provavelmente o conhecimento de Descalvados e de suas potencialidades devem ter sido levados por Rafael Del Sar a Buxaréu, já que este, apesar de ser uruguaio, residia em Buenos Aires, que era um grande centro comercial e principal porto exportador e importador da região do Prata, irradiando a sua influência por toda essa região.

Jaime Cibils Buxaréu não só compra a charqueada de Descalvados de Rafael Del Sar como abre negociações com a família Pereira Leite para a compra de todas as sesmarias próximas a Descalvados bem como para a compra do gado que possuíam nessas sesmarias. As negociações avançam e o negócio é fechado em setembro de 1881.¹¹ A partir daquele momento Jaime Cibils Buxaréu passava a ter a posse de uma área de terras composta de cerca de dez sesmarias, cuja dimensão chegava a um milhão de hectares, computando a área das sesmarias e os vazios existentes entre elas, anteriormente também controlados pelos Pereira Leite. Era uma área tão grande que não se chamava "fazenda" mas "domínio", "domínio do Descalvados".

Apenas Rafael Del Sar recebeu sessenta contos de réis pela charqueada de Descalvados, localizada na sesmaria de mesmo nome; Pelo gado comprado dos Pereira Leite, num total de trinta e cinco mil rezes, foi pago a quantia de sessenta e cinco contos de réis. As demais sesmarias foram compradas do espólio do major João Carlos Pereira Leite por um valor ainda desconhecido.

Os valores envolvidos na transação de uma área de terras tão grande bem como o gado também comprado por Buxaréu, levantam a questão de saber quem era esse uruguaio e que objetivos tinha ao investir esse volume de capital em um empreendimento cujas perspectivas não davam garantia de um retorno seguro. É possível que, conhecedor das potencialidades do mercado internacional para produtos de origem bovina ou apostando em seu desenvolvimento, bem como avaliando que tendo matéria prima abundante, mão-de-obra barata e terras também baratas e férteis, poderia obter um retorno compensador e seguro para o capital investido em Descalvados.

Aqui não é descabido levantar também a questão de saber se Jaime Cibils Buxaréu atuava por conta própria ou estava a serviço de terceiros. Essas são questões ainda não esclarecidas.

Figura habilidosa, Jaime Cibils Buxaréu, como dissemos, se apresentava como tendo nacionalidade uruguaia. Alguns autores, no entanto, afirmam que Buxaréu tinha origem diversa. Para um, Cibils era catalão¹²; para outro era egípcio, tendo adotado a nacionalidade uruguaia após ser diretor e explorador do cassino de Monte Carlo, antes de se transferir para a América do Sul.¹³ Quando comprou Descalvados, Cibils já residia com sua família em Buenos Aires. A sua possível origem ou permanência na Europa lhe deve ter permitido estabelecer relações comerciais com capitalistas europeus, o que o ajudará no processo de estruturação futura de Descalvados bem como na venda dos produtos aí fabricados.

Após comprar Descalvados, Jaime Cibils Buxaréu inicia a transformação da charqueada rudimentar em uma fábrica moderna, destinada à produção de derivados de carne e que deveriam ser colocados no mercado internacional, particularmente no mercado europeu.

O principal produto a ser produzido na nova fábrica de Descalvados foi o caldo de carne ("bouillon"), segundo a técnica já adotada na Europa por anglo-belgas da Liebig de Fray

¹¹ ESCRITURA de compra e venda entre partes: como vendedor o cidadão argentino Rafael Del Sar, e como comprador o cidadão oriental Jaime Cibils Buxaréu. Cáceres MT. Cartório do 2º Ofício. Livro de registro de escritura pública de compra e venda. 1881. PROCURAÇÃO especial que faz e assigna o cidadão oriental Jaime Cibils Buxaréu como abaixo se declara. Cáceres MT. Cartório do 2º Ofício. Livro de registro de escritura pública de compra e venda. 1881.

¹² STERNBERG, Hilgard O' Reilly. Op. cit., p. 49.

¹³ LEAL. Joaquim Ponce. *O conflito campo-cidade no Brasil. Os homens e as armas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Rio de Janeiro: Rio Arte, 1988, p. 79

Bentos.¹⁴ Além do caldo de carne, a fábrica de Descalvados também venderia no mercado internacional derivados do gado, como o couro e a língua. Também seria montada no estabelecimento uma fábrica de sabão, cuja produção era em grande parte vendida na própria província.

A localização de Descalvados, distante do litoral, longe dos centros fornecedores de produtos manufaturados, obrigou Jaime Cibils a estruturar a fábrica de modo a operá-la da forma a mais autônoma possível, sem depender em larga escala de fornecedores que estavam localizados no litoral, no Prata, ou mesmo na Europa. Ao mesmo tempo deveria ter instalações para acomodar os trabalhadores e a administração.

A fábrica foi estruturada levando em consideração essas características. Contava com todas as máquinas destinadas ao abate do gado e a imediata transformação da carne em caldo, bem como para o aproveitamento de seus derivados e subprodutos, principalmente o couro. Além disso produzia a própria embalagem que seria utilizada para o envio desses produtos aos compradores no exterior.

Matéria publicitária veiculada no Rio de Janeiro, em 1891, descrevia a fábrica de Descalvados:

"O serviço de matança nada deixa a desejar. Há um plano entijolado para o escoamento do sangue; pilhetas para o envenenamento dos couros, e o necessário para a separação dos intestinos dos animais. &. À direita ganchos e estendedores para a carne retalhada. Há em um plano inclinado três grandes caldeiras, servidas por um vagão sobre trilhos que lhes leva o sebo. Há uma pequena máquina a vapor que faz passar a carne, desembaraçada dos nervos e das partes inúteis, por cilindros, de onde são tirados por meio de elevadores, que depositam em seis grandes caldeiras, onde é cozida. Há pilhetas de evaporação, bombas centrífugas para elevar o caldo concentrado em filtros acima dos evaporadores.

Há uma oficina de funileiro, onde se fabricam as embalagens de folhas para o extracto de carne destinado à exportação; há outra de tonaria para as tintas e barris destinados às linguas e outros productos para a exportação. Fornalhas, caldeiras horizontais, tubos a vapor, cozinhadores de carne, digeradores, e bombas suplementares que trazem a água do rio a reservatórios de ferro, e postes e varas para a secca dos couros completam os elementos de que dispõe a grande fábrica, a mais importante d'aquela Estado."¹⁵

Lançados no mercado internacional ainda na primeira metade da década de 1880, os produtos de Descalvados ganharam boa aceitação na Europa, tendo o caldo de carne ganhado prêmios em certames de que participou na Europa, prêmios esses que o seu proprietário sempre destacava, como fez na referida propaganda.

"Os produtos do estabelecimento tem sido premiado com sete diplomas de honra, uma estrela, doze medalhas de ouro e cinco de prata. Crescem elles todos os annos, indo em ascendencia progressiva á exportação, que hoje se faz tambem em grande escala de productos suinos: tendo tomado essa industria extraordinário aumento."¹⁶

Ainda assim, a localização geográfica de Descalvados devia pesar na disputa que seus produtos travava com aqueles produzidos em outras regiões, mais próximas do litoral. Descalvados, localizado a mais de três mil quilômetros de Buenos Aires, levava grande desvantagem. Procurando equilibrar a disputa, Jaime Cibils Buxaréu solicitou do governo da

¹⁴ STOLS, Eddy. *Présences belges et luxembourgeoises dans la modernisation et l'industrialisation du Brésil (1830-1940)*. In: DE PRINS, Bart; STOLS, Eddy; VERBERCKMOES, Johan (Eds.). *BRASIL: Cultures and Economies of Four Continents; Cultures et Economies de Quatre Continents*. Leuven: Acco, 2001, p. 136.

¹⁵ BARRETO. Orozimbo Nunes. *Breve noticia sobre a grande propriedade do Descalvado no Estado do Mato Grosso*. DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro: ca. 1891. In: GAZETA OFICIAL do Estado de Mato Grosso. Cuiabá, 11 de junho de 1891, p. 4. NUDHEO-UNEMAT.

¹⁶ Ibid.. In GAZETA OFICIAL DO ESTADO DE MATO GROSSO. Cuiabá, 13 de junho de 1891, p. 3. NUDHEO-UNEMAT. Ver ainda STOLS, Eddy. *Les Belges au Mato Grosso et en Amazonie ou la récidive de l'aventure congolaise (1895-1910)*. In DUMOLIN, Michel; STOLS, Eddy (Dir.). *La Belgique et l'étranger aux XIXe et XXe siècles*. UNIVERSITÉ DE LOUVAIN: Recueil de travaux d'histoire et de philologie. Louvain-la-Neuve: Collège Érasme; Bruxelles: Éditions Neuwelaerts. 6^a Série, Fascicule 33, p. 81. 1987.

província de Mato Grosso isenção fiscal para os produtos de sua fábrica. No pedido Buxaréu argumentava que os saladeiros argentinos e uruguaios tinham o apoio de seus governos, além de estarem situados em regiões mais próximas dos mercados consumidores, o que barateava os custos de transporte. A resposta do governo da província foi favorável a Buxaréu, com a justificativa de que "não há na província outro estabelecimento de industria similar ao do peticionário".¹⁷

A fábrica de Descalvados tinha portanto dois fatores que se contrabalançavam na avaliação de sua rentabilidade: de um lado a matéria prima abundante, a mão-de-obra barata e também abundante, constituída em larga medida de paraguaios, pagos com salários irrisórios. Soma-se a isso a isenção fiscal dado pelo governo provincial. De outro lado havia a distância do litoral, o que encarecia os custos de transporte dos produtos, enfraquecendo a sua competitividade.

A queda de preços dos produtos de origem agropecuária no mercado internacional nas décadas finais do século XIX, também deve ter afetado a rentabilidade da fábrica de Descalvados.¹⁸ Soma-se ainda a crise do sistema bancário argentino de 1890, que deve ter criado dificuldades de crédito para aqueles que, como Jaime Cibils Buxaréu, necessitava desses créditos para o giro regular de seus negócios.¹⁹ Esses fatores podem estar na origem das dificuldades que levaram Buxaréu a se desfazer da fábrica.

Comentando o artigo do Jornal do Comércio a que nos referimos acima, o visconde Taunay disse que "apesar das vastas proporções da empresa, parece que o primitivo proprietário não tirou resultados correspondentes às suas esperanças, queixando-se elle muito dos vexames do fisco brasileiro".²⁰

Em 1891 Jaime Cibils Buxaréu iniciou negociações para a venda de Descalvados para um grupo brasileiro especialmente constituído para tal fim: a Companhia Fomento Industrial e Agrícola do Estado de Mato Grosso. Essa companhia foi constituída no Rio de Janeiro e era uma associação entre o Banco Mútuo e o capitão-tenente Orozimbo Muniz Barreto. Tinha como principais acionistas figuras de destaque da jovem república brasileira como Rui Barbosa e Quintino Bocaiuva, do recém eleito deputado federal de Mato Grosso, Antônio Azeredo, e de figuras de destaque nos negócios da capital do país, entre os quais o próprio Muniz Barreto.²¹

A compra de Descalvados aparecia como o primeiro fim da nova sociedade. Seu capital foi fixado em um milhão de libras esterlinas ou dez mil contos de reis, conforme o câmbio daquele ano.

A venda foi acertada em março de 1891 ao preço de quatro mil contos de reis, através de um contrato em que era fixado as formas e prazos de pagamento, a data da entrega da propriedade aos novos donos e as garantias de entrega de determinado volume de caldos produzido na fábrica de Descalvados ao importador belga "Willian F. Sekmoelle i Companhia de Anvers", vendidos anteriormente por Jaime Cibils Buxaréu.

O negócio, no entanto, não se efetivou. Dois anos depois do fechamento da venda, Buxaréu não aceitou entregar a propriedade aos seus compradores, alegando que estes não haviam cumprido clausulas do contrato nas quais eram fixados os prazos para o pagamento das prestações em que foi dividida o preço total. Os compradores, por sua vez, recorreram à Justiça

¹⁷ RELATÓRIO apresentado à Assembléa Legislativa Provincial de Matto-Grosso, na primeira sessão da 26ª Legislatura, no dia 12 de julho de 1886, pelo Presidente da Província, o Exmo. Sr. Doutor Joaquim Galdino Pimentel. Cuyaba: Typographia da "Situação", 1886. P.37-38. Disponível em www.crl.uchicago.edu/info/brazil/index.html

¹⁸ HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios. 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 59-60.

¹⁹ CORTES CONDE, Roberto; GALLO, Ezequiel. *La formacion de la Argentina moderna*. Buenos Aires: Paidos, 1967, p. 33-50.

²⁰ TAUNAY, Visconde de. *A cidade do ouro e das ruínas*. 2ª ed. São Paulo: Cayeiras; Rio de Janeiro; Recife: Melhoramentos, [18--], p. 152.

²¹ GAZETA OFICIAL do Estado de Mato Grosso. Cuiabá, 12 de maio de 1891. P. 1-2. NUDHEO-UNEMAT.

para obrigar Buxaréu a entregar a propriedade, inclusive com o seu embargo, efetuado por decisão do juiz de São Luiz de Cáceres.

O resultado será uma disputa em que Jaime Cibils Buxaréu demonstrará grande capacidade de ação, conseguindo o levantamento do embargo de Descalvados no Tribunal de Justiça de Mato Grosso e derrotando Orozimbo Muniz Barreto, que desiste da ação judicial.²²

Desse episódio, ainda não esclarecido pela historiografia brasileira, fica a impressão de que algo aconteceu entre a fundação da companhia que pretendia comprar Descalvados e a efetivação do pagamento das prestações acordadas, o que teria levado na prática à desistência da compra. Não podemos perder de vista que após o negócio ter sido fechado, Rui Barbosa e Quintino Bocaiúva, deixam o governo do general Deodoro da Fonseca. Após a tentativa de golpe de Deodoro, sua renúncia e a posse do general Floriano Peixoto, Rui Barbosa passa à oposição ao governo deste.²³

Apesar de efetuar a venda de Descalvados para a Companhia Fomento Industrial e Agrícola do Estado de Mato Grosso, Jaime Cibils Buxaréu continuou na administração da fábrica, até que o pagamento da segunda prestação fizesse com que ele transferisse a sua administração para os novos proprietários, como determinava uma das cláusulas do contrato de compra e venda, o que acabou não ocorrendo, como descrevemos.

Enquanto isso não acontecia, Jaime Cibils Buxaréu se envolveu nas disputas políticas de Mato Grosso, apoiando um movimento revolucionário iniciado em fevereiro de 1892 em Corumbá, liderada pelo coronel do exército João da Silva Barbosa e apoiada por setores da oligarquia local, em disputa com outros setores oligarquicos. A participação de Buxaréu no movimento vai revelar a sua estreita ligação com o governo argentino, cujo ministro do exterior, Zebballos, o nomeia vice-cônsul da Argentina em Corumbá, em substituição a outro vice-cônsul que era membro da junta revolucionária. Esse movimento revolucionário derruba o presidente do Estado, Manoel José Murtinho, e domina o Estado por quatro meses até ser derrotado por outros setores da oligarquia local liderados pelo coronel Generoso Ponce.

Duas questões importantes chamam atenção nesse movimento. A primeira é a ativa participação de estrangeiros, principalmente de comerciantes de Corumbá, na articulação e na condução do movimento. A segunda é que o movimento, em determinada altura dos acontecimentos, resolveu proclamar a independência de Mato Grosso do restante do Brasil, se constituindo em Estado independente com o nome de "República Transatlântica de Mato Grosso". Há uma controvérsia historiográfica sobre essa questão que não é o caso de abordarmos neste trabalho.²⁴

A derrota do movimento revolucionário e o retorno do presidente Manoel José Murtinho ao poder deve ter dificultado as ações de Jaime Cibils naquele momento. No entanto ele rapidamente se acomoda à nova situação. No final de 1894 ao fazer uma viagem pelo interior do estado de Mato Grosso, o presidente Manoel José Murtinho pernoita em Descalvados, onde é recebido por Buxaréu.²⁵

A participação de Jaime Cibils no movimento de 1892, no entanto, deixou ressentimentos que aparecerão na imprensa local quando ele se esforçava para regularizar todas as sesmarias de que compunha Descalvados. Os jornais questionavam o tamanho das terras reivindicadas por Buxaréu; este respondia responsabilizando os antigos proprietários pelo fato das terras não terem sido legalizadas e argumentava que se a área de terras era grande, grande também era o valor dos impostos pagos pela fábrica de Descalvados aos cofres do Estado. Dizia Buxaréu que "...a grande concessões - grande vantagens".²⁶

²² NUDHEO-UNEMAT. Fundo Fórum de Cáceres. Caixa 2, n. 13

²³ Sobre a situação política brasileira do período ver CARONE, Edgar. *A República Velha. II- evolução política (1889-1930)*. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1977, p. 25-96.

²⁴ LEAL, Joaquim Ponce. Op. cit., p. 41-110. Ver ainda CARONE, Edgar. Op. cit., p. 79-80.

²⁵ GAZETA OFICIAL do Estado de Mato Grosso. Cuiabá, 3 de novembro de 1894. P. 2. NEDHEO-UNEMAT.

²⁶ O MATO-GROSSO. *Assunto Sibilis*. Cuiabá, 8 de setembro de 1895. P. 2-3. APMT.

Voltamos então, novamente, à questão das terras de Descalvados. Quando Jaime Cibils Buxaréu comprou a charqueada e as sesmarias do espólio dos Pereira Leite, estas não tinham as suas terras legalizadas; tinham apenas a posse, sem titulação. Desde o começo, quando começou a construir a fábrica de caldo de carne, Buxaréu tentou efetivar a titulação das terras, sem sucesso. A razão principal é o fato de que a Lei de Terras de 1850 e seu regulamento de 1854 impediam a concessão de terras a estrangeiros numa faixa de dez léguas da fronteira, a não ser que estas fossem destinadas a colonização. Tal não era o caso de Descalvados e seu proprietário. Isso fica claro quando um pedido feito por Buxaréu foi enviado ao governo imperial, em 1889. O seu pedido acabou sendo analisado apenas em janeiro de 1890, já com o governo republicano, mas ainda sob o manto da constituição e das leis do Império. Se apoiando nessas leis, Francisco Glicério, ministro da agricultura do governo provisório, rejeita o pedido de Jaime Cibils Buxaréu.²⁷

Com o advento da Constituição de 1891, a competência para legislar sobre terras devolutas passa do governo federal para os governos estaduais, uma velha reivindicação das oligarquias locais. Essa mudança facilitou a legalização das terras de Descalvados. Novo pedido feito por Buxaréu será atendido e as terras de Descalvados começaram a ser medidas e os títulos legais de posse expedidos.²⁸

Ao mesmo tempo em que procurava legalizar as posses das terras que possuía e tendo fracassado a venda de Descalvados para o Banco Mutuo, Jaime Cibils Buxaréu continuava a procurar um comprador para o seu estabelecimento. A partir das relações comerciais que Buxaréu mantinha com importadores de Antuérpia, a existência de Descalvados deve ter chegado ao conhecimento do rei da Bélgica Leopoldo II, há época envolvido com as atividades de seu Estado Independente do Congo, na África, e ávido por novas oportunidades de tentar repetir em outras regiões a sua experiência do continente africano. Se não temos até agora alguma prova indiscutível da participação direta de Leopoldo na operação de compra de Descalvados, certamente temos a considerar a presença de pessoas de sua confiança tanto na operação de compra do estabelecimento como, depois, na sua direção, tanto na Bélgica como no Brasil.²⁹

Em janeiro de 1895 foi constituída em Antuérpia uma sociedade comercial com o nome de "Société anonyme Compagnie des produits Cibils, à Anves". Essa sociedade cumpriu o objetivo para a qual foi constituída e comprou Descalvados de Jaime Cibils Buxaréu.³⁰

Apesar de ter vendido Descalvados, o estabelecimento ainda continuou a ser administrado por Buxaréu até que fosse resolvida a disputa com Orozimbo Muniz Barreto e também fosse completado o processo de legalização das terras. A primeira questão foi resolvida em abril daquele ano, quando Muniz Barreto chega a um acordo com Buxaréu e desiste da ação judicial. O processo de legalização das terras foi completado em 1896. Em seguida Jaime Cibils Buxaréu entrega Descalvados para o primeiro administrador belga do estabelecimento: François Joseph Van Dionant. Começava a parte mais obscura da história de Descalvados.

²⁷ CÓDICE de avisos recebidos dos ministérios do interior, negócios da agricultura, comércio, estrangeiros, da guerra, da justiça, do império e da marinha. Ano de 1890. - 45 - APMT

²⁸ CARTA de Jaime Cibils Buxaréu ao presidente do Estado de Mato Grosso, Antônio Corrêa da Costa, em 19 de julho de 1896. APMT. Ano 1896 -Lata A. Documentos Avulsos

²⁹ Ver STOLS, Eddy. *O Brasil se defende da Europa: suas relações com a Bélgica (1830-1914)*. In Boletim de Estudios Latinoamericanos y del Caribe. Amsterdam, n. 18, p. 69-70, jun. 1975. _____. *Les Belges au Mato Grosso et en Amazonie ou la récidive de l'aventure congolaise (1895-1910)*. In DUMOLIN, Michel; STOLS, Eddy (Dir.). *La Belgique et l'étranger aux XIXe et XXe siècles*. UNIVERSITÉ DE LOUVAIN: Recueil de travaux. *O Brasil se defende da Europa: suas relações com a Bélgica (1830-1914)*. In Boletim de Estudios Latinoamericanos y del Caribe. Amsterdam, n. 18, p. 69-70, jun. 1975d *histoire et de philologie*. Louvain-la-Neuve: Collège Érasme; Bruxelles: Éditions Neuwelaerts. 6^a Série, Fascicule 33, p. 77-112. 1987

³⁰ RECUEIL SPÉCIAL DES ACTES ET DOCUMENTS RELATIFS AUX SOCIÉTÉS ANNEXE AU MONITEUR BELGE DU 11 FÉVRIER 1895. P. 291-292. -(ACTE N. 396). NUDHEO - UNEMAT. Fundo Fórum de Cáceres. Caixa 2, n. 13. Anexo.

A primeira questão a considerar é sobre as reais intenções dos belgas ao comprar Descalvados. Levantar essa questão é importante porque o estabelecimento se transforma, a partir de 1897, em um híbrido de estabelecimento comercial, base de apoio para outros empreendimentos e representação diplomática da Bélgica.

Logo após tomar posse de Descalvados, há uma tentativa por parte dos novos proprietários de fazer desse estabelecimento a sede de um consulado da Bélgica, logo rejeitada pelo governo brasileiro.³¹ Recuando num primeiro momento, Van Dionant é nomeado vice-cônsul da Bélgica, com sede em Descalvados; depois é nomeado cônsul em Corumbá, cidade situada a cerca de trezentos quilômetros ao sul do estabelecimento.³²

As atividades comerciais da empresa seguiam normalmente e parece ter prosperado. Em 1900 os belgas compram uma outra grande área de terras na região, a fazenda São José, pertencente a um integrante da oligarquia local, o coronel Metello. Essa fazenda tinha uma área total de quinhentas mil hectares e também estava localizada no Pantanal, às margens do rio São Lourenço, próximo ao extremo sul de Descalvados. Com as terras da fazenda São José também foi comprado o rebanho bovino de quarenta mil rezes, o rebanho de mil cavalos e de animais de pequeno porte.³³

Com a compra da fazenda São José os belgas passam a controlar uma área total de um milhão e quinhentas mil hectares de terras, quase contíguas e localizadas próximo à fronteira oeste do Brasil com a Bolívia.

Ao mesmo tempo em que expandiam a área destinada à exploração do gado, os belgas de Descalvados também se voltaram para a extração da borracha. Em 1901 requerem ao governo de Mato Grosso a concessão de um seringal na região do rio Guaporé, este já situado na bacia Amazônica. Além da concessão requerida, e recebida, do governo estadual, os belgas compram de terceiros uma segunda concessão, também na bacia do rio Guaporé.³⁴

O rio Guaporé faz o papel de fronteira natural entre o Brasil e a Bolívia e estava situado em uma região rica em borracha natural. Era uma região onde a presença do Estado era praticamente nula, estando na prática entregue ao controle das empresas que extraíam comercializavam a borracha. Havia somente um pequeno posto de arrecadação de impostos na saída norte da região.

Um fator que dava à região do rio Guaporé um caráter particular é que ela se localizava próximo ao Acre, naquele momento uma área rica em borracha, que estava em grande parte ocupada por seringueiros brasileiros e era motivo de intensa disputa diplomática entre o Brasil e a Bolívia, a quem pertencia essa área. Essa disputa deu origem ao que se convencionou chamar de "Questão do Acre".

Um fator veio contaminar a situação na disputa no Acre com a entrada em cena, em 1901, do Bolivian Syndicate, uma *chartered company* fundada por ingleses e americanos com o objetivo de arrendar o Acre da Bolívia, explorando-o comercialmente e passando a desempenhar ali o papel de Estado.³⁵

A questão que se levanta é que se a experiência com o Bolivian Syndicate tivesse êxito, poderia abrir caminho para experiências semelhantes. Nesse caso os belgas estariam bem posicionados para tal intento.

³¹ STOLS, Eddy. . *O Brasil se defende da Europa: suas relações com a Bélgica (1830-1914)*. In Boletim de Estudios Latinoamericanos y del Caribe. Amsterdam, n. 18, p. 73, jun. 1975

³² CARTA de François Van Dionant ao presidente do Estado de Mato Grosso, coronel Antonio Cesario de Figueredo, em 22 de agosto de 1898. APMT. Ano 1898, Lata B. Documentos avulsos. CARTA de François Van Dionant ao presidente do Estado de Mato Grosso, coronel Antônio Pedro Alves, em 17 de maio de 1901. APMT. Ano 1901, Lata B. Documentos avulsos.

³³ THESOIRO do Estado de Mato Grosso. Recurso da Companhia de Produits Cibilis. APMT. Ano 1900 - Lata C. Documentos avulsos.

³⁴ CARTA do agrimensor Alphonse Roche dirigida ao presidente do Estado de Mato Grosso, coronel Antonio Pedro Alves de Barros, em 24 de abril de 1903. APMT. Ano 1903, Lata A . Documentos avulsos.

³⁵ TOCANTINS, Leandro. *Formação Histórica do Acre*. 3ª ed. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Rio Branco: Governo do Estado do Acre: 1979, p. 23-28.

Nesse sentido não é exagero afirmar que a compra de Descalvados pelos belgas pode ter sido mais que uma operação econômica destinada a auferir lucros, portanto dentro da normalidade das operações do gênero naquele final do século XIX e começo do século XX. Essa pode ter sido uma operação realizada de forma a fazer daquele estabelecimento uma espécie de base de operações para uma ação de maior alcance, a ser executada ou não se as condições da geopolítica internacional e da situação interna brasileira permitissem.

Stols tem chamado atenção em particular para os administradores enviados para Descalvados, todos com experiência no Estado Independente do Congo, administrado por Leopoldo II e que viria, em seguida, ser conhecido como um dos mais sangrentos processos de colonização do período e ao mesmo tempo que gerou muito lucro para seus organizadores, principalmente para o próprio Leopoldo II. Seria também motivo de campanha internacional que resultaria em sucessivas denúncias de massacres e trabalho escravo.³⁶

Os resultados da exploração de Descalvados pelos belgas parecem ter oscilados entre um momento inicial positivo, com lucros, e um resultado posterior negativo, quando o empreendimento passou a ter baixa rentabilidade. Mesmo a troca da empresa controladora, que passou da "Compagnie des Pruduits Cíbils" para a "Société Industrielle et Agricole au Brésil" (com os mesmos acionistas), parece não ter mudado a situação de empresa deficitária. Mesmo que tenha, nessa segunda fase, tido momentos de certa recuperação, o balanço geral parece ter sido negativo.³⁷

Alguns críticos tem debitado os problemas de rentabilidade da empresa ao método de matança do gado. É que o gado, espalhado por um área imensa, alagada, provavelmente sem manejo, progressivamente foi se tornando bravio. Nessa condição a única forma de abate-lo foi lançando mão de verdadeiras caçadas: os animais eram abatidos a bala e levados para a sede do estabelecimento para serem industrializados. O resultado deve ter sido desastroso uma vez que com esse método de abate, todos os animais eram mortos, independente da idade e do sexo. Com isso, além dos machos em idade ideal para o abate, tanto animais jovens como fêmeas eram abatidos indiscriminadamente. O resultado foi que em pouco tempo começou a faltar gado para o abate e a produção entrou em colapso.³⁸

Outros fatores, podem ter contribuído para os problemas da empresa. As secas no Pantanal de Mato Grosso além dos constantes assaltos de ladrões de gado, vindos da Bolívia, que criavam uma situação de constante instabilidade, podem ter ajudado na redução do rebanho. Apesar dos roubos de gado ser uma constante na história de Descalvados, nesse período parece ter alcançado grandes proporções, colocando em risco a vida não só dos peões de gado e seguranças como dos próprios administradores do estabelecimento.

No entanto, todas esses problemas não explicam o fracasso da empresa sob o controle dos belgas. Dificilmente se pode concordar que europeus naquele período desconhecem técnicas de criação de gado adequadas para o abate e lançassem mão de métodos que implicassem em abate indiscriminado do rebanho, com a consequente redução em seu número e com risco de colapso futuro. Ou que não pudessem encontrar funcionários habilitados em técnicas adequadas em outros países, inclusive na região do Prata.

A nosso ver os belgas estavam mais preocupados em ampliar a sua ação na região, expandindo os seus domínios para outros pontos com vistas a um empreendimento mais lucrativo (a borracha ao norte, no vale do Guaporé), enquanto esperavam uma oportunidade que brotasse da instabilidade política daquela região do Brasil, num momento que o regime republicano ainda não tinha se estabilizado, e que se combinasse com uma conjuntura internacional favorável. Se essa oportunidade aparecesse, então poderiam desenvolver uma ação

³⁶ STOLS, Eddy. Op. cit., p. 69-70. Sobre o Estado Independente do Congo ver HOCHSCHILD, Adam. *O fantasma do rei Leopoldo. Uma história de cobiça, terror e heroísmo na África colonial*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

³⁷ STOLS, Eddy. Op. cit., p. 71.

³⁸ AYALA, Simon; SIMON, Feliciano. *Album Graphico do Estado de Matto-Grosso*. Corumbá; Hamburgo: 1914. P. 228.

semelhante àquela que fizeram na África, com a cobertura de "ação humanitária", de "proteção", ou qualquer outro argumento do gênero. A conjuntura internacional da época estava cheia de possibilidades em termos de justificativas. É isso que pode explicar, por exemplo, o envio de militares belgas com experiência no Congo e não de administradores para empreendimentos agrícolas, ou técnicos em pecuária, que poderiam operar melhor a empresa.

No entanto essa oportunidade política não ocorreu. Após a desarticulação do Bolivian Syndicate, em 1903, e o processo de estabilização do quadro político nacional, com a política dos governadores iniciada por Campos Sales, a situação em Mato Grosso ainda continuou instável mas por pouco tempo. Em 1906 um movimento revolucionário liderado pelo coronel Generoso Ponce, em articulação com o ex-ministro da fazenda Joaquim Murtinho, derruba e assassina o presidente Totó Paes. Mas após esse movimento a situação em Mato Grosso se estabiliza.

À essa estabilização política se soma a ligação de toda a fronteira oeste do Brasil ao centro político do país através de linha telegráfica. A cidade de Mato Grosso (atual Vila Bela), localizada no extremo sul do vale do rio Guaporé e centro de operações dos belgas para suas explorações de borracha na Amazônia, recebe em 1908 uma estação telegráfica, instalada pelo então major Cândido Mariano da Silva Rondon, o futuro marechal Rondon. Pouco antes São Luiz de Cáceres, ao norte, e Corumbá, ao sul de Descalvados, também foram alcançadas por linhas telegráficas.

Mais ao norte, há a instalação de um posto fiscal mais efetivo em Santo Antônio do Madeira, às margens do rio Madeira, além de um pequeno núcleo policial do Estado de Mato Grosso.

Em resumo, a região vai progressivamente se integrando ao país com a presença do Estado se tornando mais visível. Acreditamos que esse é o fator que desalentou os belgas, que então se desinteressaram por Descalvados. A sua permanência na região se concentrará ainda por alguns anos na tentativa de conseguir a prorrogação da concessão para a exploração das minas de ferro e manganês de Urucum, próximo a Corumbá, que desejavam estender de trinta para noventa anos.³⁹

A todos esses fatores de desalento, se soma a morte do rei Leopoldo II, ocorrida em 1909. Um pouco antes o seu Estado Independente do Congo havia sido transferido para o controle do Estado belga, tornando-se uma colônia oficial após uma campanha internacional que desnudou os horrores daquela versão particular de *chartered company* pertencente ao rei.

Em 1911 os belgas vendem Descalvados e todas as suas áreas de terras para pecuária em Mato Grosso para a Brazil Land Cattle and Packing Company, do americano Percival Farquhar. Um pouco antes as concessões para exploração de borracha no vale do rio Guaporé foram invalidadas pelo governo de Mato Grosso, por estarem abandonadas por seus concessionários. Acabava o período belga de Descalvados; começava o período norte-americano.

Percival Farquhar foi uma personalidade singular. Mistura de aventureiro com homem de negócios, Farquhar esteve envolvido em inúmeros investimentos na América Latina nos primeiros trinta anos do século XX. Esses investimentos iam dos setores de infra-estrutura, em geral com garantias de juros por parte do Estado, até investimentos em pecuária e áreas para extração de borracha, com as empresas desses setores cumprindo o papel de "geradoras de tráfego" para empresas maiores.⁴⁰

A Brazil Land, Cattle and Packing Limited, fundada em 1911, compra Descalvados num momento em que o rebanho bovino daquele estabelecimento estava em seu nível mais baixo, o que impedia a continuidade do abate. O novo proprietário do estabelecimento tomou algumas iniciativas no sentido de reconstituir o rebanho: adotou novamente medidas de manejo do rebanho bovino, de cercamentos dos campos e começou a introduzir novas variedades bovinas, a

³⁹CARTA de Pedro De Thier, administrador de Urucum ao presidente do Estado de Mato Grosso, em 11 de maio de 1908. APMT. Ano 1908. Lata B. Documentos Avulsos.

⁴⁰ CASTRO, Ana Célia. *As empresas estrangeiras no Brasil. 1860-1913*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 123.

partir da importação de exemplares dos Estados Unidos.⁴¹ Para administra-lo trouxe do estado norte-americano do Texas e de outros países, gerentes e vaqueiros com conhecimento técnico para recuperar o rebanho.⁴²

Mas o objetivo do novo proprietário talvez fosse, desde o início, interromper a matança de bovinos em Descalvados e fazer do estabelecimento um fornecedor de gado vivo para o frigorífico que Farquhar inaugurou em 1915 em Osasco, São Paulo, em sociedade com uma empresa de Chicago. Esse frigorífico tinha como objetivo a exportação de carne congelada para os Estados Unidos.⁴³

Já no ano de 1915 foram abatidas trinta e seis mil rezes nesse frigorífico, das quais vinte e cinco mil provenientes das fazendas de Mato Grosso, inclusive Descalvados e São José (Farquhar tinha outra fazenda em Mato Grosso).⁴⁴

A transformação de Descalvados em fornecedor de matéria prima para frigoríficos de São Paulo foi viabilizada com a inauguração da estrada de ferro Noroeste do Brasil, cuja ponta dos trilhos chegou a Porto Esperança, às margens do rio Paraguai, em 1914. Porto Esperança, localizada abaixo de Corumbá, estava localizado a pouco mais de trezentos quilômetros de Descalvados.

Dessa forma chegamos ao ponto em que Descalvados tem a produção de caldo progressivamente interrompida e vai retornando à sua condição anterior de fazenda de criação de gado e de produção de charque.

As máquinas continuaram no estabelecimento mas vão progressivamente sendo desativadas, continuando ainda uma pequena produção de sebo, que abastecia algumas regiões de Mato Grosso.

Com o colapso das empresas de Farquhar durante a Primeira Guerra, Descalvados também entra em decadência.

A fazenda é então nacionalizada e suas terras são retalhadas e vendidas. Da área total de Descalvados foram desmembradas trinta e um lotes, que se transformaram em fazendas de criação de gado.⁴⁵ O mesmo destino teve a fazenda São José.

Descalvados então retorna à sua condição anterior de fazenda de criação de gado. A sede do empreendimento se transforma na sede de uma simples fazenda mas mantendo a imponência daquela que durante cerca de trinta anos foi uma grande fábrica de caldo de carne destinado ao mercado internacional.

⁴¹ AYALA, Simon; SIMON. Id. , Ibid.

⁴² ROOSEVELT, Theodore. *Nas Selvas do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976, p. 90-91.

⁴³ SUZIGAN, Wilson. *Industria Brasileira. Origem e Desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 335.

⁴⁴ Mensagem do governador dirigida à Assembléia Legislativa Estadual de Mato Grosso e 1916. P. 31

⁴⁵ CORREA FILHO. Virgílio. *Fazendas de gado no Pantanal matogrossense*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1955. Documentário da vida rural, n. 10. P. XI.